

ENCONTROS MUNDIAIS EM TORNO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Leandro Belinaso Guimarães*

PRIMEIRO TEMPO

Na chegada a Portugal em 2003 uma sensação de euforia tomava conta do meu corpo. Seria a primeira vez que participaria de um Congresso Mundial. E mais, estaria presente ao primeiro Congresso Mundial de Educação Ambiental. As expectativas eram muitas, pois, naquele tempo, além de estar iniciando meu doutorado, estaria, também, pela primeira vez, podendo conhecer um breve “pedaço” da Europa, um continente que nunca tinha adentrado. Tudo isso, sem dúvida, instigava meu estado de contentamento.

A cidade do Porto e suas vielas, cavas de vinho, águas, parques, arquiteturas, estações de trem, me remetiam a um tempo outro, que não parecia ser aquele que vivia. Para chegar a Espinho, cidade litorânea que abrigava o Congresso, foi só tomar um trem desde a estação central na cidade do Porto e, se minha memória não estiver me enganando, após uma hora eu estava chegando ao meu destino principal daquela viagem.

Lembro que o tempo presente se fez atual, apagando os ecos poéticos do passado que o Porto me levava a viver, quando me deparei com o Congresso. Um grande auditório concentrava as comunicações orais dos trabalhos, e lá, em um púlpito, para uma plateia que não preenchia todos os espaços disponíveis, falei por quinze minutos sobre um trabalho que havia levado três anos para concluir. Ao final, pergunta alguma da plateia (apresentei em português - uma das línguas oficiais do encontro). Desci do palco em silêncio, vendo subir o próximo congressista.

* Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Prof. do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Depto. de Metodologia de Ensino. Campus Universitário – Trindade – Caixa Postal 476 – CED/MEN sala 21. 88040-900 – Trindade - Florianópolis, SC.
E-mail: lebelinaso@uol.com.br

O espaço de apresentação criava uma sensação de imponentia, que quase impossibilitava uma conversa. Onde estavam os espaços de encontro? As sessões mais íntimas para compartilhar investigações e experiências? A maioria dos trabalhos estavam alocados em pôsteres. Lá, por entre cartazes pendurados, havia algum movimento, mas destinava aos autores um tempo de convívio mínimo com alguns poucos interlocutores. Eram nos espaços dos cafés que conversas fluíam e interlocuções se promoviam.

Desse primeiro encontro mundial, voltei com a sensação de pouco transbordamento (consegui retornar diferente do que fui?): poucos encontros, poucos trabalhos, poucas pessoas, poucos acolhimentos. Imaginei que haveria um segundo tempo e, para mim, ele chegou anos mais tarde, quando estive no, agora, V Encontro Mundial de Educação Ambiental.

SEGUNDO TEMPO

Na chegada a Montreal vislumbro um alargamento, uma imensidão, uma amplitude sem igual a se descortinar da janela do avião. Cidade larga, ampla, entrecortada por águas, de horizontes infinitos. Por todos os lados; aqueles, pelo menos, que eu configuro com um olhar que lanço através de uma janela de avião (talvez os lados que se avista do mundo são sempre delimitados por uma janela); um fim nunca se avista. Cidade desbordante pareceu-me à primeira vista Montreal. Talvez, essa sensação se coadunava com algo que esperava encontrar no V Congresso Mundial de Educação Ambiental [www.5weec.uqam.ca], ocorrido entre 10 e 14 de maio, na cidade. Seria possível avistar nesse encontro uma (ou várias) educação ambiental transbordante, ampla, imensa, lisa, sem fim?

“A Terra, lugar de todos”. Esta foi uma frase que nos convidava a adentrar o congresso. Há um lugar, planetário, possível de ser visto como de todos? Que lugar abarcaria uma multidão disforme, nômade, em deslocamento? Um lugar não precisa manter algo da atmosfera de mistério, de deserto, de ausência para se configurar potente às experiências, às criações, aos pensamentos? Não queria apreender Montreal, como também queria desfazer de mim qualquer perturbadora vontade de saber como é mesmo a educação ambiental que se processa no mundo. Se a Terra é um lugar de todos, que cada multidão (de humanos e de não-humanos) possa encontrar um modo potente de viver em demasia, sem esgotamentos, sem aniquilamentos, sem fraquezas, sem náuseas. Este talvez fosse o adendo a que eu gostaria de fazer à frase-convite do encontro.

Dessa forma, com esse desejo de me perder um pouco de mim, daquilo de educação ambiental que se produz em mim (que carrego como bagagem), circulei

pelos espaços em que pensava poder encontrar algo que poderia capturar como um inusitado. As sessões de trabalho sobre arte e educação ambiental foram meu maior foco de atenção. Mesmo tendo inscrito um texto para discutir economia e sustentabilidade (esse território inebriante de felicidade, pois são as práticas empresariais sustentáveis que se configuram nos nossos tempos atuais como produtoras, finalmente, de alianças entre o mercado, o ambiente e nós), foi nos espaços de discussão da arte que preferi estar. Tais espaços, aliás, gozam, ainda, de certa indiferença nos encontros brasileiros, já que raros são aqueles que colocam a arte como eixo temático (há algum?) de um encontro em educação ambiental.

Fui a algumas sessões onde todos só falavam francês. Lá só pude acompanhar imagens e palavras esparsas. Instigante incompreensão. Montei destaques de uma cena, de um detalhamento que talvez a presença totalizante da língua em mim não me permitiria perceber. Dos trabalhos apresentados capturei fragmentos que talvez estejam lançados em palavras que costuro nesse texto. Fui, também, a sessões em inglês, bem mais inteligíveis, mas que também me escapavam nos interstícios da língua. Nas sessões em espanhol pude dialogar, compreender; informar-me mais detalhadamente de cada trabalho [vejam que havia três línguas oficiais no encontro]. Quando isso foi vislumbrado, quando me senti dominante de uma língua, a *arte* dos detalhes, das imagens, do desconhecido também se dissolveu. Interessante paradoxo: quanto mais eu sabia a língua, mais os detalhes, as raridades se ausentavam do meu foco. Será preciso tentar praticar uma educação ambiental em uma língua que não aquela que dominamos para podermos atentar aos detalhes, às questões que nos escapam e às incongruências que nos mobilizariam? Aliás, por que no Brasil encontros de educação ambiental são sempre e somente em português? Quais as potências e os limites de tal decisão em um país continental com fronteiras que se comunicam em, ao menos, mais outra língua que não a nossa? Quando poderemos nos ver, nos encontros de educação ambiental que promovemos no Brasil, em sintonia, pelo menos, com esse difuso espaçamento nomeado como latinoamericano?

E que arte esteve em jogo nas sessões assistidas? Arte como instrumento de sensibilização e de conscientização? Ou arte como provocativa do pensamento sobre as relações socioambientais que tecemos? Que perguntas puderam ser ativadas? Houve perguntas? Arte para ensinar conteúdos ou arte para provocar deslocamentos dos conteúdos que nos habitam, quase que fixamente?

Pelo congresso circularam pessoas provenientes de todo o mundo, mas onde estavam, com presença mais marcante, os nossos vizinhos da América do Sul, os africanos, os asiáticos? Estados Unidos, México, Canadá, um pouco de Brasil, algo da Europa, eram essas as procedências mais visíveis da fauna humana que circulava

pelo encontro. Mesmo em tempos de grande circulação de pessoas, de códigos, de vírus e de mensagens, os encontros mundiais têm, ainda, uma pintura acentuada de regionalismo? Encontro mundial, coloridamente regional? Talvez resida nessa aparente contradição uma necessidade de circulação do congresso pela América hispânica do centro-sul, pela África negra e distante, pela Ásia pobre e recôndita.

Um congresso mundial pressupõe que suscitará cruzamentos instigantes de lugares, de perspectivas, de pessoas; enfim, promoverá encontros por vezes inusitados, impensáveis, singulares. Talvez, entre seus interstícios tais potencialidades tenham mesmo sido efetivadas (eu mesmo fiz alguns contatos muito profícuos). O Congresso foi organizado para que as pessoas se encontrassem, conversassem. Mesas-redondas eram, mesmo, mesas, e redondas, de bate-papo. Nos espaços de café circulavam muitos e por ali ficavam, conversando, algum tempo. Sofás e poltronas espalhadas pelos espaços do encontro propiciaram uma conversa rápida e, quem sabe, inaugural de um porvir. O congresso nada esteve assentado na fala de uns poucos e na escuta de alguns muitos e esse é, certamente, um destaque importante, já que tanto gostamos nos encontros no Brasil das palestras de um sempre mesmo time.

Montreal também foi convidativa, mas também, ao mesmo tempo, por demais acolhedora, facilitada, funcional, jovem, limpa, saudável, organizada, educada, bonita. Na sua amplitude, nos seus ventos, nos seus horizontes sem fim, a mundialização da educação ambiental se mostrou ainda pouca em seu recorrente mesmo muito. Um horizonte liso, aberto, amplo, volumoso, talvez seja a imagem desse encontro que Montreal ajudou a costurar e que aqui deixo sem moldura, após enfocar o congresso como se o avistasse por uma pequena janela de avião.